



ESTADUAL DA PARAÍBA  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS V**

**CENTRO JOÃO PESSOA**

**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**SIMONE RODRIGUES DOS SANTOS**

**OS DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES  
INICIAIS**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2011**

SIMONE RODRIGUES DOS SANTOS

## **OS DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a Distância (Prolicenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciados em Geografia.

**Orientador (a):** Ms. Regina Celly Nogueira da Silva.

JOÃO PESSOA – PB

2011

S237d Santos, Simone Rodrigues dos.

O desafio do ensino da geografia nas séries iniciais [manuscrito]./  
Simone Rodrigues dos Santos. – 2011.

**40f. : il. color.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba,  
Secretaria de Educação à Distância, 2011.**

“Orientação: Profa. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva”.

1. Ensino de geografia. 2. Séries iniciais. 3. Aprendizagem. I.  
Título.

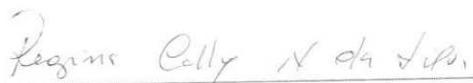
21. CDD 372.891

SIMONE RODRIGUES DOS SANTOS

OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SERIES INICIAIS

Aprovado em: 25 de novembro de 2011

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva

Orientadora



Prof. Ms. Maria Adelfe da Silva Luz

Examinador(a)



Prof. Esp. Maria Suely de Andrade Mesquita

Examinador(a)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de analisar o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, particularmente as turmas de 4º e 5º ano da Escola de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro. A escola localiza-se na cidade de Gurinhém, no agreste paraibano. Inicialmente partimos do resgate histórico da redemocratização do ensino de Geografia nas séries iniciais no Brasil, com a aprovação do decreto lei da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9394/96, que se tornou obrigatória no currículo escolar o ensino de Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Nosso objetivo é compreender como se desenvolveu esse processo. Para tanto, entrevistamos os professores da escola, através do trabalho de campo observamos e analisamos a prática docente, os métodos de ensino, a utilização do livro didático, e as estratégias que os professores utilizam para tornar as aulas mais atraentes e motivadoras. Buscamos refletir, também, como a teoria tem sido trabalhada na prática de sala de aula. Após diversas leituras e análise, percebeu-se a aplicação de diferentes linguagens nas aulas de geografia e propomos neste trabalho algumas sugestões com a finalidade de contribuir para tornar o ensino de Geografia não só mais uma disciplina do currículo escolar, porém uma disciplina que contribua para formar cidadãos que se preocupem com seu espaço e o transforma.

**Palavras chaves:** Geografia, ensino, séries iniciais.

## RESUME

Este trabajo de termino de curso tiene por finalidad valorar la enseñanza de Geografía en las promociones iniciales de la enseñanza primaria, en particular las promociones de 4 ° y 5° ciclos de la *Escola de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro*. La escuela está ubicada en la ciudad de *Gurinhém*, en el *agreste paraibano*. Empezaremos por el rescate histórico de la redemocratización de la enseñanza de Geografía en las promociones primarias en Brasil, con la aprobación del decreto ley de la nueva *LDB*( Ley de Directrices y Bases) n° 9394/9, que obliga los currículos escolares a tener la enseñanza de Geografía en las clases primarias de la Enseñanza Fundamental. Nuestro objetivo es entender como se desarrollo ese proceso. Para esta finalidad, entrevistamos los profesores de la escuela, a través del trabajo de campo observamos y valoramos la práctica docente, los métodos de enseñanza, la utilización del libro didáctico, e las estrategias que los profesores utilizan para hacer con que las clases sean más atractivas y motivadoras. Buscamos reflexiona, tambien, como la teoria ha sido trabajada en la práctica del aula. Despues de diversas lecturas y análisis, notase la aplicación de diferentes lenguajes en las clases de Geografía y proponemos en este trabajo algunas sugerencias con la finalidad de contribuir para hacer con que la enseñanza de Geografía no sea solamente una asignatura del currículo escolar, pero una asignatura que contribuya para formar ciudadanos que se preocupen con su espacio y lo trasformen.

**Palabras claves:** Geografía, enseñaza, curso primário

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 CAPITULO I: A Geografia do Lugar.....</b>	<b>10</b>
<b>3 CAPITULO II: O Ensino de Geografia na UMEF Serafina Ribeiro.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1 O Entendimento de Geografia Segundo a Concepção das Professoras.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 A Motivação no Ensino de Geografia.....</b>	<b>14</b>
<b>3.3 O Livro Didático e outros Materiais Didáticos.....</b>	<b>15</b>
<b>4 CAPITULOIII: Novas Linguagens para o Ensino de Geografia nas Séries Iniciais...</b>	<b>17</b>
<b>4.1 Utilizações de Mapas.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2 A Construção de Maquetes.....</b>	<b>20</b>
<b>4.3 Trabalhos com Atlas.....</b>	<b>21</b>
<b>4.4 O Livro Didático e o Ensino de Geografia.....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>28</b>

.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de geografia no século XXI não se preocupa apenas com o conteúdo, mas, sobretudo com a formação do aluno. Neste sentido, é que muitos professores se recusam a utilizar práticas que alienem o aluno, que o afastem do conhecimento de sua realidade social concreta, muitos professores não querem apenas reproduzir conteúdos, mas preparar o educando para a vida. Segundo Vesentini (2009, p. 49 -50).

É por isso que o diploma da pessoa – ser formada nesta ou naquela atividade ou área- não tem mais tanta importância. (...) O importante é a capacidade da pessoa em se manter atualizada, o aprender a aprender e também as habilidades e competências para tal ou qual profissão.

A educação deve se preocupar em desenvolver as habilidades e potenciais de cada indivíduo. Levar o indivíduo a compreender o mundo em que vive, sua complexidade, diferenças. As disciplinas da área das Ciências Humanas deve contribuir para que o indivíduo construa uma visão mais inteligente e criativa do mundo. Uma visão mais generosa do homem, como afirma Darcy Ribeiro no seu documentário *O Povo Brasileiro*<sup>1</sup>. Assim, a principal função da educação é conceber o conhecimento como um conjunto aberto e múltiplo de práticas sócio interacionais, orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados.

Assim, conscientes da importância do ensino de disciplinas como Geografia, História, Sociologia e Filosofia é que nos preocupamos em formar cidadãos pensantes e ativos. Através da análise da escola, especificamente do cotidiano da sala de aula, é que buscamos compreender o porquê da desmotivação dos alunos. Partimos, assim, da análise do ensino de geografia nas séries iniciais. Visamos, minimamente, compreender como o professor leciona essa disciplina, suas estratégias de ensino, as metodologias utilizadas e a

---

<sup>1</sup> O antropólogo Darcy Ribeiro (1913-1997) foi um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX. Esses vídeos mostram os programas da série baseada na obra central de Darcy: *O Povo Brasileiro*, em que o autor responde à questão "quem são os brasileiros?", investigando a formação do nosso povo. Co-produzida pela TV Cultura, a GNT e a Fundar, a série conta com a participação de Chico Buarque, Tom Zé, Antônio Cândido, Aziz Ab'Saber, Paulo Vanzolini, Gilberto Gil, Hermano Vianna, entre outras personalidades. *O Povo Brasileiro* é uma recriação da narrativa de Darcy Ribeiro, e discute a formação dos brasileiros, sua origem mestiça e a singularidade do sincretismo cultural que dela resultou. Com imagens captadas em todo o Brasil, material de arquivo raro e depoimentos, a série é um programa indispensável para educadores, estudantes e todos os interessados em conhecer um pouco mais sobre o nosso país. <http://forumeja.org.br/book/export/html/1236>. Acesso: 19/08/2011.

maneira como o professor trabalha o livro didático. Para contribuir com a discussão, sugerimos algumas ações metodológicas que podem auxiliar os professores na sua prática em sala de aula a trabalharem com a geografia de forma mais criativa, estimulando a reflexão e a criatividade.

A geografia nas séries iniciais segundo Cavalcanti (2002, p. 20.), têm procurado pensar a sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, questionando os métodos convencionais, postulando novos. Diante das mudanças no âmbito social, econômico e tecnológico que o mundo vivencia é necessário pensar o ensino de geografia praticado hoje. Nossos alunos convivem com um mundo onde as informações circulam rapidamente, um mundo de imagens e novas descobertas a cada instante, um mundo onde as paisagens se transformam constantemente.

Essa realidade demanda novas habilidades por parte da escola e de seus professores. A criança não aceita mais ficar passivo diante do processo de ensino aprendizagem. Não se sente estimulada em ser mero receptáculo de informações e conteúdos. As crianças querem entender o porquê dos fenômenos, das transformações. Por isso a necessidade urgente do professor aprender a trabalhar uma geografia que leve em consideração os aspectos da cotidianidade do educando, respeitando a sua cultura e diferenças locais e regionais.

Por isso o ensino de Geografia nas series iniciais precisa ir além de aulas teóricas e o manuseio do livro didático. A criança precisa conhecer os aspectos físicos do seu lugar, o seu bairro, a sua comunidade, mas de forma lúdica, dinâmica, contextualizada. O aluno precisa compreender o modo de vida da sociedade contemporânea e o seu cotidiano em particular, considerando a diversidade presente nesses espaços “Aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a lê o espaço, que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (CASTELAR, 2000, p. 30).

Assim, buscamos entender como a geografia é ensinada em uma escola pública. Buscamos compreender porque, muitas vezes, encontramos alunos desmotivados nas séries iniciais. Partimos da percepção de que “o problema” não está na criança, mas sim no modelo de ensino adotado, na metodologia que o professor optou na forma como o conteúdo é trabalhado em sala. O comportamento disperso da criança revela a sua pouca afinidade com o universo escolar. A escola propõe um currículo que está dissociado da realidade social e econômica do aluno. Para completar, o livro didático é produzido em outras regiões e não leva em consideração as diferenças regionais e apresentam uma visão da Geografia tradicional. Pois afirma MARTINS:

Caberá ao professor procurar novas oportunidades para fugir da tradicional aula expositiva, tanto oral quanto escrita, na qual aprender é ouvir e repetir conteúdos, por vezes, sem nenhum significado para a vida, e procurará recursos alternativos variados em que os alunos possam ficar envolvidos e comprometidos no próprio processo de aprendizagem (2009, p. 35).

As praticas educacionais não se restringem apenas à escola ou à família. Elas ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades, porém a busca pelo mundo ao seu redor é despertada ainda na escola.

Assim, indagados como melhorar ou contribuir para uma mudança no ensino de geografia, e como fazer uma educação que contribua para formar alunos mais conscientes do seu papel na sociedade, é que nos pusemos a refletir sobre a educação na Escola Municipal do Ensino Fundamental Serafina Ribeiro.

Para fundamentar nossa pesquisa, utilizamos autores que já escreveram sobre o ensino da Geografia como VESENTINI (2009), MARTINS (2009), CAVALCANTI (2002), CASTELAR (2000) autores que podem nos ajudar a entender o ensino de geografia nas séries iniciais e a função do educador na sociedade.

Para a elaboração do trabalho realizamos um levantamento bibliográfico na biblioteca da UEPB para fundamentar a nossa discussão. Como também, pesquisa em ambiente virtual como: textos em PDF, sites do Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), consulta aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Após esse levantamento realizamos a leitura e o fichamento das obras escolhidas. Essas leituras contribuíram para a elaboração dos capítulos teóricos do nosso trabalho, como também, para nos ajudar a refletir sobre a realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro.

Este estudo é de caráter qualitativo. Nossa opção por esse método de pesquisa deve-se a sua flexibilidade em apreender as relações que se estabelecem no ambiente escolar. Relações essas muito complexas, que necessitam do dialogo permanente com professores, coordenadores pedagógicos e gestores. Por isso, optamos por esse caminho metodológico.

O trabalho de campo na escola foi fundamental para que coletássemos informações essenciais para nossa pesquisa. Assim, pudemos realizar um levantamento minucioso das condições físicas das escolas, das condições metodológicas dos professores, como também, da política educacional que vem sendo desenvolvida pela Secretaria de Educação e Cultura do Município de Gurinhém, pois é através da escola que irá se expressar essa política. Após essas atividades procedemos à elaboração da monografia que ora apresentamos.

## **2 CAPÍTULO I: A Geografia do Lugar**

Para compreendermos os aspectos de uma realidade é necessário que a contextualizemos. Nesse sentido, é importante que conheçamos o lugar, suas características, história e cultura. É no lugar onde as pessoas vivem, estabelecem relações e produzem o espaço. Assim, entender a história e a geografia do lugar é essencial para entendermos a sua realidade social, política e econômica, como também, educacional. O nosso trabalho de conclusão do curso de Geografia será desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro, localizada a Rua Jorge Guerra 120, Centro de Gurinhém/ PB. A escola localiza-se no Município de Gurinhém, na micro região do agreste paraibano a 73 km da capital João Pessoa. Assim, faremos uma breve incursão na sua geografia.

O município de Gurinhém possui uma extensão territorial 346 Km<sup>2</sup>, sua população é de 13.872 pessoas, possui uma renda per capita segundo Produto Interno Bruto dos Municípios em 2010 é de 3.473,48 reais, segundos dados do IBGE (2010).

O município tem como base de absorção de mãos-de-obra os serviços públicos oferecidos pelos órgãos governamentais e a agricultura de subsistência. O município possui 24 escolas distribuídas entre redes municipais e estaduais. As famílias vivem da agricultura, chegando a 85% delas e as demais são desempregadas, servidores públicos ou aposentados, onde a maior parte tem renda de 1/2 salários mínimos. As famílias desta localidade contam com o número de 05 a 08 filhos, segundo o censo escolar de 2011 2.396 alunos foram matriculados na rede municipal. O município também disponibiliza dos programas: Se liga, Acelera Educação de Jovens e Adultos e Escola Ativa.

Apesar do investimento em programas dessa natureza muito ainda por fazer. Na pesquisa ficou demonstrado como o município precisa canalizar recursos para a educação de modo geral e, especificamente, para a formação dos professores.

## **3 CAPÍTULO II: O Ensino de Geografia na Escola Serafina Ribeiro**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro, foi implantada em 1965. Teve como primeira diretora Aliete De Oliveira Cavalcanti no período de 1965 a 1988.

Na época só funcionava o Ginásio Comercial Úrsulo Ribeiro dando prioridade da 1º a 4º séries ginásiais.

No governo do prefeito Sebastião Roberto, com base no decreto de nº 08/90 que autorizou o funcionamento de todas as escolas municipais, antes as escolas funcionavam sem autorização num estilo mutirão de alfabetização, com a implantação do Ensino Fundamental.

Atualmente o número de alunos matriculados no ano de 2011 é de 551 alunos. O corpo docente é composto por 36 professores sendo 36 efetivos formados em nível superior e médio, como mostra a tabela abaixo com as disciplinas que eles lecionam.

Nível de formação		Quantidade de Professores	Nome de disciplinas que lecionam
Superior	Médio	X	X
Arte		02	Arte
Educação física		02	Educação física
Ensino religioso		01	Ensino religioso
Geografia		03	Geografia
História		04	História
Letras		07	Letras
Matemática		03	Matemática
Pedagogia		06	Português, matemática, ciências, geografia e história
	Magistério	05	Português, matemática, ciências, geografia e história

Setor Administrativo

CARGO QUE OCUPA	LICENCIATURA PLENA
Diretor	Letras
Adjunto 01	Letras
Adjunto 02	Pedagogia
Digitadores	Técnico em informática

### **3.1 O Ensino de Geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro Relatada Pelos Professores**

Neste capítulo relataremos o ensino de Geografia nas turmas de 4º e 5º ano da Escola Municipal Serafina Ribeiro da cidade de Gurinhém – PB, através da entrevista realizada com as professoras, Eunice (professora A) e Penha (professora B), que ensinam Geografia nas turmas acima referidas.

Eunice e Penha relataram como desenvolviam as atividades em sala. Na concepção das professoras é necessário dividir o tempo em sala para dar conta de várias disciplinas:

Ensino geografia e também outras disciplinas como Português, matemática, ciências, história e arte (professora A). Preciso conciliar os conteúdos compatíveis a outras disciplinas, mas às vezes se torna difícil. Por isso, divido-as e leciono a parte (professora B).

Assim, as professoras lecionam todos os componentes curriculares, mas não conseguem trabalhar com a interdisciplinaridade. Quando afirma “Preciso conciliar os conteúdos compatíveis a outras disciplinas, mas às vezes se torna difícil. Por isso, divido-as e leciono a parte” a professora demonstra sua dificuldade em conciliar os conteúdos em sala. Quase sempre o ensino de Geografia é visto em segundo plano. Para as professoras não é possível trabalhar o conteúdo de língua portuguesa se utilizando o conteúdo de geografia. As professoras não conseguem trabalhar os conceitos de tempo e espaço de forma lúdica, através da história do aluno, da geografia do lugar.

Na escola pesquisa a Geografia é encarada apenas como um conteúdo a mais a ser ministrado em sala. Outro fator que contribui para aumentar as dificuldades e a pouca qualificação das professoras. Quase sempre formados em pedagogia, não se especializam nas disciplinas específicas.

Vesentini (2009) se referindo ao ensino de geografia, afirma, que muitas vezes, os professores apresentam despreparo na hora de ensinar geografia nas séries iniciais. A escola tende sempre a privilegiar Língua Portuguesa e Matemática, Vesentini reconhece a importância desses componentes, mais não deixa de criticar a visão mercantilista da educação:

Inegavelmente são fundamentais para a formação plena do aluno e, no final das contas estão sendo instrumentalizadas por essa concepção mercantil e neoconservadora de educação. Sem dúvida que os nossos alunos devem aprender a ler e a escrever corretamente, e a realizar as operações matemáticas que são imprescindíveis na vida cotidiana de todos. Ninguém questiona esse fato. Só que a escola não se resume a isso (VESENTINI 2009, p.32).

Na mesma linha de raciocínio quando perguntadas sobre o que entendiam sobre Geografia as professoras ainda tinham o que Vesentini (2009) chama de concepção tradicional da Geografia quando em seus comentários as professoras disseram:

Eu entendo que Geografia é o estudo dos seus acidentes físicos, ela é importante para as séries iniciais, pois as crianças aprendem a conviver com os fenômenos naturais como: furacões, terremotos, enchentes, etc.(professora A). O estudo da Geografia nos ajuda a conhecer melhor os diferentes lugares do planeta, seus acidentes físicos, os climas, os solos, os rios e vegetações e as relações entre o meio natural, político e social. Assim podemos agir de forma consciente no mundo em que vivemos, **sem interferir na vida das pessoas e do planeta, traço essencial da postura cidadã (grifo nosso)** (professora B).

A geografia como as outras ciências sofreu grandes mudanças, hoje não podemos falar de uma Geografia apenas do estudo físico da Natureza. A redução do ensino de Geografia aos fenômenos naturais, onde os alunos deveriam decorar os nomes de rios, planaltos e outros aspectos da paisagem era o ensino mnemônico, ou seja, um ensino que cobrava a memorização dos alunos dos aspectos da natureza sem refletir sobre a sociedade, sobre a forma como essa sociedade se apropria da natureza e a transforma. Pontuschka (2007) ao falar sobre a história da Geografia apresenta que no seu início quando passou a ser pensada como ciência era vista apenas como a relação existente entre o homem e a natureza apontando a influência desta sobre o Homem, sendo este produto do meio “A geografia da época aceitava a influência quase absoluta do meio físico sobre o homem. Mesmo quando a Geografia humana se desenvolveu como um corpo de conhecimentos sistematizados, essa ideia permaneceu” (PONTUSCHKA, 2007, p. 40).

Não queremos dizer com isso que a resposta das professoras é de todo errônea. Elas expressam a formação que receberam na universidade. Mesmo assim, já poderiam ter uma visão mais rica da Geografia, pois o ensino de geografia é mais que o estudo dos aspectos naturais para que as crianças conheçam. Ela é a ciência da Natureza e também é uma ciência humana porque pesquisa o espaço produzido pelas sociedades humanas. Pois foi a disciplina de Geografia a trazer em seus livros a temática do efeito estufa e a causa que provocou este fenômeno natural e seus efeitos sobre o homem. Vesentini (2009) aponta o caminho do que deve ser ensinado em Geografia no século XXI:

Deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir e refletir sobre – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e para a escala local, isto é, do lugar de vivência dos alunos. (...) Deve enfatizar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, sem embaralhar a dinâmica de uma delas na outra (VESENTINI, 2009, p.94).

Através das observações em sala percebemos uma separação muito grande entre a teoria e a prática e isso se notou pela entrevista e pelo modo como as professoras entendem o que seja a Geografia, por isso VESENTINI (2009) fala da importância de deixar o aluno descobrir e refletir sobre o mundo a sua volta e como ajudá-lo na compreensão de mundo e de sociedade em que vive. E para isso está o papel da formação das professoras das séries iniciais serem preparadas para lidar com a Geografia como disciplina formadora de opinião.

### **3.2 A Motivação no Ensino de Geografia**

Quando perguntadas como os alunos mostram interesse pela Geografia, as professoras disseram que os alunos não demonstram tanto interesse pela disciplina. Porém ressaltaram que este não é um fato isolado, que apenas acontece com a Geografia. Os alunos demonstram desinteresse por outros componentes curriculares:

Alguns se interessam outros não. É muito relativo (professora A). O obstáculo não é só em Geografia, mas em outras disciplinas é a falta de interesse de 80% dos alunos com relação à aprendizagem. Por ser uma classe social diversificada, carente e desestruturada, há pouco interesse por parte dos alunos com relação ao ensino-aprendizagem, só quando há curiosidade ou algo que desperte interesse como exemplo: a internet, mas a mesma não é acessível a todos (professora B).

Pela fala das professoras parece que os alunos são os culpados pela falta de motivação em sala de aula. No entanto, pouco é a reflexão acerca da prática de ensino da geografia e de outras disciplinas. O problema está situado no método como os professores

utilizam e trabalham o conteúdo que pouco tem cativado ou motivado o aluno ao aprendizado. A aprendizagem só ocorre através de práticas didáticas contextualizadas, que partem da realidade do aluno, se tornando cada vez mais complexa, partindo da escala do local para o global. É preciso que os alunos interajam, que o professor seja um mediador, estimulando a criatividade e desenvolvendo habilidades do discente

Trata-se, portanto, de oportunidades de ensino-aprendizagem nas quais o professor atuará como mediador, aplicando procedimentos para direcionar o interesse e focar a atenção dos alunos sobre determinado objeto de estudo e realizar ações que revertam em benefício de aquisição de algum conhecimento, solução de dificuldade, ou domínio de conteúdo determinado (MARTINS, 2009, p.19).

Segundo a professora B, os alunos se interessam por aquilo que desperte curiosidade como a internet. A professora reconhece que os alunos se sentem atraídos pela tecnologia, assim, por que não desenvolver atividades que levem a utilização do computador. Martins ressalta que “a atitude de interesse e de concentração sobre a importância do objeto, que motiva e favorece o esforço e a vontade de aprender” (MARTINS, 2009, p.18).

### **3.3 O Livro Didático e outros Materiais Didáticos**

Em nossa pesquisa de campo perguntamos as professoras sobre o uso do livro didático e outros materiais utilizados em sala de aula no ensino de Geografia. Como utilizavam o livro? Quais materiais a escola dispunha no estudo da Geografia? As professoras nos responderam que utilizam mais como apoio e para pesquisa. “Utilizo fazendo pesquisa, trabalho em grupo. Ele é importante, mas nem todos os conteúdos são compreensíveis em partes” (professora A). “O livro didático é um material usado como complemento e um material de apoio que contribui para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Nele se apresenta uma seleção de conteúdos com propostas e sugestões de atividades variadas” (professora B).

Segundo as professoras o uso do livro didático na sala de aula é sempre um desafio. Utilizado para dinamizar as aulas e torná-las menos cansativas, o livro muitas vezes possui uma linguagem complicado para o aluno, sobretudo para os que possuem dificuldades com a leitura e a interpretação dos textos. As professoras justificam que, embora seja de grande utilidade nunca supre as necessidades dos alunos e nem substitui o professor em sala.

Lesann ressalta que “o papel do livro didático limita-se a dar suporte ao trabalho do professor, que precisa ter outras formas de consultas” (LESANN, 2009, p.148).

Nem a proposta de um livro nem as ideias do professor são infalíveis; portanto, a relatividade do conhecimento precisa estar sempre presente na análise de qualquer produção didática, a fim de que se trabalhe com o aluno o dinamismo na construção do saber (PONTUSCHKA, 2007, p. 343).

Sobre outros materiais utilizados no ensino de Geografia ambas as professoras disseram que a escola dispunha de “mapas, globo, cartolina, lápis colorido, cola, tesoura e jogos didáticos”. Esses materiais tornam-se importantes quando o professor os utiliza para dinamizar suas aulas. Além de enriquecer a aula favorecem a construção do conhecimento e a reflexão sobre o lugar e a sua diversidade.

Percebemos que os materiais utilizados pelas professoras embora sejam simples e poucos diante de uma realidade tecnológica que vivemos como datashow, internet, dentre outros, é possível sim fazer uma aula de Geografia que não seja apenas repasse de conteúdos, porém uma aula que envolva e os transforme em sujeitos do conhecimento. Pois como afirma Martins (2009):

Caberá ao professor procurar novas oportunidades para fugir da tradicional aula expositiva, tanto oral quanto escrita, na qual o aprender é ouvir e repetir conteúdos, por vezes, sem nenhum significado para a vida, e procurará recursos variados em que os alunos possam ficar envolvidos e comprometidos no próprio processo de aprendizagem (MARTINS, 2009, p.35).

O uso de novas estratégias depende muito da disposição e compromisso do professor. O que observamos em campo é que a escola pública possui materiais que quase sempre não são utilizados pelos professores. Nas últimas décadas o MEC dotou as escolas de bibliotecas e através de projetos como o PDE<sup>2</sup> possibilitou a aquisição de materiais didáticos. Contudo, quando perguntamos as professores sobre o uso desses materiais os mesmos alegam que a diretora coloca muitas dificuldades para a utilização dos mesmos. O atlas que é um dos materiais mais importantes nas aulas de geografia pouco é manuseado pelos alunos. Coordenadores e gestores alegam que os alunos não cuidam bem dos materiais.

---

<sup>2</sup> O Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola) é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho: focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos e avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. É considerado um processo de planejamento estratégico desenvolvido pela escola para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. O PDE-Escola constitui um esforço disciplinado da escola para produzir decisões e ações fundamentais que moldam e guiam o que ela é, o que faz e por que assim o faz, com um foco no futuro. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=176:apresentacao&catid=137:pde-plano-de-desenvolvimento-da-educacao](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=176:apresentacao&catid=137:pde-plano-de-desenvolvimento-da-educacao). Acesso 21/09/2011

Hoje através de publicações como a Revista Nova Escola<sup>3</sup> os professores das series iniciais possuem uma gama de sugestões de atividades que podem ser desenvolvido na escola publica. Não é preciso sofisticação para realizar atividades lúdicas criativas, o mais importante é a criatividade do professor, a ousadia e a coragem de pesquisar e adotá-las em aula.

No entanto, o que verificamos com a entrevista é que as professoras ainda estão pouco capacitadas a desenvolver um trabalho que utiliza a brincadeira, os jogos, a música, o teatro, a colagem, em sala de aula. Diante disso é que apresentamos no próximo capítulo sugestões para ajudar no ensino de Geografia nas séries iniciais.

#### **4. CAPITULO III: Novas Linguagens para o Ensino de Geografia nas Séries Iniciais**

Nesta parte do trabalho organizamos algumas experiências que podem tornar o ensino de Geografia mais envolvente e prazerosa. Partimos do pressuposto de que, quanto mais reflexivo e criativo for o ensino, mais fácil será de conquistarmos a atenção dos nossos alunos. Assim, nessa concepção, o aluno não se limite apenas a conhecer superficialmente os conteúdos ministrados em sala, mas, aprende a pensar o mundo que o rodeia.

A escola do século XXI convive com o processo de globalização. Desse modo, nós professores não podemos deixar de levar em conta as novas linguagens proporcionadas pela revolução técnico-científica, que se operou nos últimos anos, com a penetração de instrumentos tecnológicos em sala de aula. As propostas pedagógicas discutidas no século XXI visam, sobretudo, levar o aluno a aprender a ter autonomia sobre a aquisição de conhecimento. O professor deixa de ser um mero explanador para se transformar em um mediador de discussões, orientador do processo ensino-aprendizagem, agora aluno e professor trabalham em parceria. Como afirma Visentini:

A escola, e conseqüentemente o ensino de geografia, passa por sensíveis transformações em nossos dias, em especial nas economias mais avançadas. Expande-se aos poucos a ideia de que é importante aprender a aprender e não apenas receber um diploma - e nem mesmo ter uma formação técnica (VESENTINI, 2009, p. 46).

O primeiro passo para utilização das novas linguagens em sala de aula é a vontade do professor em querer mudar. Quando o professor deseja fazer um trabalho mais criativo e

---

<sup>3</sup> A Revista Nova Escola é uma publicação da Abril cultura voltada para a educação básica. <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/>. Acesso: 20/09/2011.

interessante as coisas se tornam muito mais fáceis. É preciso, também, que o poder público invista na qualificação docente. Hoje ainda é muito comum encontrarmos professores que não possuem nenhum conhecimento de informática. Assim, uma melhor qualificação é fundamental, para que o professor possa operar as mudanças metodológicas necessárias em sala de aula.

Não pretendemos aqui dar receitas prontas, pois acreditamos que isso não funciona. Desejamos apenas sugerir meios, caminhos, que possam contribuir para um ensino de geografia mais condizente com a realidade do aluno e uma escola mais comprometida com seu futuro. A escola e de modo particular a disciplina de Geografia não deve ser aquela que dá receitas, conceitos e muitos menos macetes ou modelos prontos, pois como diz Vesentini (2009):

Tampouco é a escola que meramente substitui um conteúdo tradicional por outro esquematizado (...). A escola deve se preocupar com a cidadania ativa – e não passiva (...) com indivíduos que pensem por conta própria que aprendam determinadas competências, habilidades e inteligências múltiplas apropriadas para uma sociedade democrática e pluralista. O bom mestre não é o que doutrina o aluno para que adotem as suas posições político-ideológicas. Pelo contrário, é aquele que auxilia para que o jovem se torne igual, um ser autônomo, enfim um cidadão (VESENTINI, 2009, p.91).

Mais importante ainda é que o professor receba uma formação de qualidade, que lhe dê as bases teórico-metodológicas, para enfrentar os conteúdos e os desafios de classes superlotadas de adolescentes ansiosos por novos conhecimentos. O principal papel do professor é mediar às discussões em sala, organizar atividades que proporcionem ao aluno o desenvolvimento de habilidades básicas de observação, representação, reflexão, que leve o aluno a questionar e entender o mundo atual e sua comunidade.

No ensino fundamental a capacidade de trabalhar e desenvolver habilidades são ainda maiores e ao mesmo tempo mais fáceis. Nas series do ensino fundamental I, que foi objeto de nossa pesquisa, o processo de impressões e percepções na faixa etária que estão os alunos torna mais fácil aprender a trabalhar o domínio espacial através da interação com o meio, isto é, partir do mundo espacial da criança para ensinar Geografia. Essa observação da realidade e conhecimento dos elementos presentes no meio em que estão inseridos fornece ao professor habilidade de trabalhar os mapas. Essa análise permite ao aluno construir noções espaciais, no início é o espaço da casa, depois a rua, o bairro e a cidade.

O contato dos alunos com fatos cotidianos possibilita que eles façam comparações, questionamentos, emitam juízos, assimilem conteúdos importantes, além de conduzirem a conclusões valiosas, ações estas bem diferentes daquelas produzidas por aquilo que lhes é imposto, que não dá chance de análise crítica nem de expressar o que pensam (MARTINS, 2009, p. 22).

Assim, o professor precisa motivar os alunos para a reflexão e a crítica. Nas series iniciais o professor pode desenvolver um conjunto de atividades que possibilitam a construção de um pensamento reflexivo através de jogos, brincadeiras, desenhos e estudo do meio.

#### 4.1 Utilização de Mapas

A geografia é uma ciência que permite que compreendamos a relação que a sociedade estabelece com a natureza. Assim, como ciência humana, que pesquisa o espaço produzido pelas sociedades humanas ao longo da história (PONTUSCHKA, 2007, p. 37) a geografia proporciona ao aluno a capacidade de pensar como a cidade se organiza, como seu bairro está estruturado, leva o aluno a procurar representá-lo.

Um dos instrumentos mais tradicionais na geografia é a cartografia. O estudo da geografia sem o mapa é como um entardecer sem o por do sol. Ou seja, geografia e mapa estão intimamente interligados. Em todos os momentos da história do pensamento geográfico o mapa exerceu um papel essencial. O mapa é um dos instrumentos mais importantes para o estudo da geografia. Aprender a realizar sua leitura é de fundamental importância para nossos alunos já nas series iniciais. Agora como se utilizar deste instrumento tão imprescindível sem torná-lo cansativo?

O espaço é para a criança um mundo quase impenetrável pelo fato que ele conquista o mundo ao seu redor aos poucos. Por isso, nas séries em estudo, pelo nosso trabalho, deve levar ao aluno a desenvolver a capacidade de raciocinar baseado em percepções e a um entendimento de realidades espaciais. Antes de dominar as competências geográficas de reconhecer elementos espaciais, identificá-los, classifica-los é preciso estimular nas crianças o conhecimento de seu próprio mundo. E isto se dá ensinado ele a desenhar a sua casa, passando pelo caminho que ele vai até a escola, o desenho de sua escola que aos poucos vai ajudando a estimular o conhecimento de seu mundo.

Martins propõe uma aula para produzir uma representação a partir do universo da criança:

Os alunos deverão conhecer melhor o bairro onde moram e o caminho e estar preparados para dar informações a respeito deles; a partir das seguintes perguntas: 1- você sabe o porquê do nome da sua rua onde mora? 2- pergunte as pessoas mais idosas tudo sobre a história da rua; 3- você ao vir para escola passa por outras ruas ou caminhos? 4- Quando passa nas ruas há lojas e casas de comercio com nomes interessantes. Anote para depois saber por que tem esses nomes; 5- Usando um

gravador, faça a história baseando-se em informações de moradores idosos (MARTINS, 2009, p. 124 - 125).

Com essa dinâmica o professor poderá trabalhar a construção do mapa do trajeto da criança até a escola e o espaço que ela mora, além de fornecer instrumento para se trabalhar a interdisciplinaridade. Através do caminho percorrido pelo aluno o professor pode explorar aspectos que estão presentes no cotidiano da criança nas disciplinas de língua portuguesa, história, ciências, matemática e artes. Pontuschka afirma que a aula não precisa ocorrer apenas em sala de aula, no interior de quatro paredes, nem tampouco com conteúdos expressos pelo professor; “pode ser desenvolvida em outros espaços físicos, com informações dadas por moradores ou pessoas de outras profissões” (PONTUSCHKA, 2007, p. 157).

Assim, a partir do percurso realizado pelo aluno no dia-a-dia do ir vir pelo bairro, o professor poderá explorar muitos aspectos que estão presentes no espaço. Além disso, o professor pode trabalhar ainda conceitos essenciais para a geografia como: paisagem, bairro, cidade.

## 4.2 A Construção de Maquetes

O trabalho com maquetes costuma mobilizar a atenção dos alunos e motivar a capacidade criativa da turma. Quase sempre utilizada nas feiras de ciência da escola, a maquete é um instrumento que pode ser usado e construído em sala de aula. Varias são as temáticas que o professor de geografia pode trabalhar em sala através da produção de maquete. O professor pode trabalhar os aspectos da paisagem urbana, pode trabalhar o meio ambiente, pode, ainda, incentivar seu aluno a produzir uma maquete do seu bairro ou cidade. Essa prática proporciona também o trabalho em grupo. O professor dependendo da temática trabalhada em sala pode dividir a turma em vários grupos. Assim, cada grupo irá produzir uma maquete de determinado aspecto da temática trabalhada.

Lesann (2009), afirma a respeito do trabalho com maquete:

O trabalho com maquete é uma representação de um objeto real. A criança que usa uma pedra como carrinho de corrida transforma-a na maquete de um carro. Na escola, a fase de construção da maquete, raramente, é explorada na extensão de seu potencial didático (LESANN, 2009, p. 139).

Com a maquete o professor pode trabalhar a observação de um espaço real; os tipos de representação; as noções de orientação (os pontos cardeais, a posição do sol). A

maquete representa um espaço de vida e faz o aluno aprender pelo visual ligando aos conceitos apresentados pelo professor.

O professor pode propor aos alunos a construção de uma maquete da escola, do pátio da escola, da sala de aula e do local onde senta cada aluno. Esse exercício introduz o aluno a se perceber virtualmente na maquete como se estivesse na sala de aula verdadeira e fornece-lhe habilidades de se posicionar no espaço.

### 4.3 Trabalhando com Atlas

No nosso estágio supervisionado observamos que os professores trabalham muito pouco com a Atlas. O atlas deveria ser um instrumento permanente nas aulas de geografia. O atlas proporciona ao aluno o contato com a representação gráfica do mundo, do seu país, do seu estado. No entanto, poucas são as escolas que estimulam o uso desse material didático em sala de aula.

As crianças gostam do atlas porque é colorido, instigante e convida a sonhar com os lugares ali representados. Porém as legendas e convenções são complexas para este público. Como tornar então motivador o uso do atlas nas séries iniciais?

Assim como um dicionário é essencial para o estudo de uma língua, a Atlas escolar é indispensável para aprender Geografia, o hábito de recorrer a esse material didático é fundamental para que o aluno se torne mais independente para a aquisição de conhecimento (LESANN, 2009, p. 144). Mas como tornar esse material didático mais acessível sem que seja mais um peso na bolsa do aluno?

Para que a criança se adapte a esse instrumento tão importante no estudo da Geografia pode se pedir para as crianças utilizarem dos meios tecnológicos presentes no seu dia-a-dia. Propomos criar um atlas pessoal com fotos tiradas pelos próprios alunos por máquina digital ou celular e organizá-las em uma cartolina colocando embaixo a explicação de cada lugar apreendido na foto. Depois fazer um paralelo com os atlas ensinando-os a perceberem que este instrumento fornece informações de localização como as suas fotos informaram.

Agindo assim o professor apresentará de uma maneira construtiva o conhecimento do atlas mostrando que o aluno pode também fazer seu atlas espacial de mundo em que vive. Dessa forma, ampliam seus conhecimentos com a ajuda do professor que desempenhará a

tarefa de mediador, complementando-os com explicações e informações (MARTINS, 2009, p.23).

O professor pode também solicitar aos alunos o estudo de um país. O aluno poderá escolher seu país de estudo. Para iniciar essa atividade o professor leva o atlas para a sala de aula, deixa que o aluno o folheie, admire o atlas, depois motiva o aluno a escolher um país. O estudo do país pode ser feito em muitos documentos, ambientes e pesquisas na internet.

#### **4.4 O Livro Didático e o Ensino de Geografia**

Não poderíamos deixar de falar no uso do livro didático em sala de aula. Sobretudo por que esse é o material didático que muitas vezes é a única fonte de informação que o professor possui e o aluno tem contato. O livro didático oferece uma vasta quantidade de informações, conceitos, fotografias, gráficos, além de atividades que facilita muito o trabalho do professor. Por mais importante que ele seja em sala de aula e ofereça assuntos diversos, não deixa de ser necessário que o professor saiba como utilizar esse material em sala.. Assim, é muito importante que o professor faça uma avaliação crítica do livro, que saiba as lacunas que o livro possui, pois só assim poderá complementar o conteúdo.

Por outro lado não adianta um bom livro didático, quando o professor não está preparado para utilizá-lo. Mesmo criticando grande parte das publicações de livro didático, temos que reconhecer que o livro didático de Geografia na atualidade tem adquirido mais qualidade. Essa qualidade se expressa tanto nos seus aspectos teóricos metodológicos, como nos aspectos técnicos. Nas últimas décadas do século XX os livros didáticos ganharam mais qualidade de ilustrações, acabamento, atividades. Porém, mesmo reconhecendo todos esses aspectos do livro didático, temos que reconhecer que, quando o professor se prende apenas a este material didático suas aulas se tornam cansativa e enfadonha.

Por isso, a primeira coisa que deve fazer o professor de Geografia é escolher o livro didático pensando em seus alunos e não de forma aleatória. Não basta um texto atualizado, uma excelente diagramação, um material de primeira, se o livro não atende a realidade do alunado. Nenhum livro é perfeito, mais o professor hoje tem condições de escolher boas publicações. Neste sentido aconselha Pontuschka (2007):

Em relação aos atuais livros de Geografia, há propostas avançadas que incluem, além de textos dos próprios autores, textos de jornais e revistas e mesmo de outros autores, o que permite ao aluno o contato com linguagens não exatamente didáticas que sejam ampliadoras da capacidade de leitura dos estudantes, não os limitando a uma leitura didática e a somente uma proposta de ensino ( p. 340).

Os livros podem ser bem trabalhados em sala, basta que o professor possua disposição para isso. A gama de atividades disponível pode contribuir para dinamizar as aulas e levar o aluno à reflexão permanente. Assim, acreditamos que, além do livro didático, o professor deve pensar em adotar outros materiais como: a literatura, a música e o cinema. Esses recursos podem ajudar muito a enriquecer as aulas de geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da monografia é um momento muito especial na vida acadêmica do aluno. A monografia é o momento em que tentamos juntar teoria e prática. Por isso esse momento é especial. Nem sempre essa é uma atividade fácil. A produção do conhecimento é algo que exige dedicação, leituras, reflexões, mas, sobretudo, muita persistência e disciplina.

A produção desse trabalho nos proporcionou o contato com as técnicas de pesquisa, com o campo de estudo, mas, sobretudo, com o conhecimento de uma realidade que pensávamos conhecer.

Nossa função enquanto professores é formar cidadãos reflexivos, críticos. Nossa missão é colocar os jovens para pensar de forma mais inteligente um mundo tão complexo. No entanto, depois de tantas discussões, leituras, trabalhos, chegamos à conclusão de que na teoria tudo parece muito fácil, mais na prática as coisas são bem diferentes. Nas aulas na universidade a escola é uma instituição que funciona muito bem e o professor parece bem formado. Porém, quando caímos em campo e observamos a realidade da escola pública no nosso município nos conscientizamos que ainda há muito que fazer.

Ser professor de geografia não é algo assim tão natural como pensam nossos professores. A geografia é uma ciência riquíssima e requer estudo e dedicação. Muitos são os temas e problemas tratados pela geografia. Se você abre um jornal ou liga uma TV, grande parte das informações que estão sendo veiculadas tem haver com a geografia e a história da sociedade moderna.

Se abirmos a porta de casa e caminhamos pelo nosso bairro, observamos a sua paisagem, os seus problemas, as suas construções, estamos fazendo geografia. Quando nos deslocamos todos os dias para o trabalho estamos fazendo geografia. Só que essas são questões que quase sempre não pensamos, pois é tão natural caminhar pelo bairro, pegar o ônibus e ir ao trabalho, abrir o jornal e ler as notícias ligar a TV e vê as catástrofes naturais que ocorrem diariamente pelo mundo afora.

Quando iniciamos nosso curso de geografia é que descobrimos o quanto a paisagem, o lugar, o cotidiano, a natureza, possui aspectos que desconhecíamos e que são essenciais para a vida do homem no planeta. Descobrimos a riqueza dessa ciência, descobrimos que fazemos geografia todos os dias.

A geografia mudou muito. Muitos são os temas que os geógrafos discutem com propriedade e competência. A produção na área é intensa. Os cursos de pós-graduação se

espalham pelo Brasil. As publicações são muitas. Hoje quando abrimos um livro didático de geografia, observamos o avanço das discussões, a qualidade das imagens, as propostas de atividades.

Mas, por que os professores sentem tanta dificuldade em ensinar geografia? Por que a geografia continua sendo aquela disciplina enfadonha de anos atrás? Por que os professores não sabem o que fazer para ensinar uma geografia mais atendida com a dinâmica dos tempos atuais.

São tantas as possibilidades, os materiais, as temáticas que podem ser desenvolvidos em sala de aula. Mesmo assim, quando observamos a prática docente do professor, mesmo o jovem professor, ele continua repetindo as mesmas práticas da geografia tradicional. Onde estará o problema? No professor? No aluno? Na escola?

Essa é uma questão que a pedagogia e a geografia tem se debruçado nos últimos tempos. Apesar de um relativo investimento por parte do Governo Federal, das Secretarias de Educação dos Municípios e Estados com projetos como o PDE-Plano de Desenvolvimento da Escola, o ensino e a aprendizagem ainda deixa muito a desejar. Pelo menos é isso que aprendemos na universidade.

Com base nas nossas pesquisas percebemos que a geografia ainda é ensinada como Estudos Sociais pelos professores das séries iniciais. Não há motivação por parte dos professores para realizar algo diferente em sala de aula. A geografia e a História não recebem a atenção merecida, pois nas séries iniciais a maior atenção é dada à disciplina de língua portuguesa e matemática.

A escola não consegue trabalhar com a interdisciplinaridade. No nosso entendimento com os conteúdos de História, Geografia e Ciências, a escola teria condições de trabalhar a língua e demais aprendizagens. Mas, a escola não possui uma proposta de trabalho, um projeto político pedagógico. Fica difícil desenvolver uma proposta quando gestores, professores, pedagogos não estão preparados para realizar essa proposta.

A geografia pode ajudar o aluno a compreender a complexidade de um mundo em constante mudança física e social, ajudando-o a descobrir o espaço em que vive, observando sua realidade e ajudando a entender o lugar, a comunidade e o mundo.

Foi interessante observar através dos relatos dos professores que estes ainda entendem a geografia numa perspectiva tradicional. Que ensinam Geografia reduzindo seu conteúdo apenas a um estudo físico, a natureza, como se essa natureza não tivesse nada haver com o homem. Como se as mudanças nas estações do ano não interferisse na vida das pessoas. No plantar e colher na agricultura, na economia dos lugares.

Observamos ainda a falta de interesse por parte dos alunos, comportamento não apenas exclusivo da geografia mais também pelas demais disciplinas. Mais porque os alunos estão desmotivados? Será culpa dessas crianças e jovens, vítimas de um sistema de ensino que tenta a todo custo moldá-los para um futuro mercado de trabalho racionalista, onde eles serão usados como mão de obra barata.

Claro que não! Nossos alunos são as vítimas desse sistema, assim como nós fomos e hoje lutamos para nos desvencilhar dessa geografia tradicional que não servia para compreender o movimento da história, das sociedades, da natureza. Além da falta de projeto o ensino praticado se preocupa muito pouco com o Planejamento de Ensino, algo básico dentro de uma instituição escolar.

O Planejamento é visto apenas como uma tarefa burocrática é vista pelos professores como uma vingança da secretaria de educação, pois eles não necessitam se planejar já leciona há tantos anos. O problema é que não é a quantidade mais a qualidade.

Diante dos estudos realizados, do trabalho de campo, em um dos capítulos do nosso trabalho sugerimos alguns meios para que o professor possa utilizar em sua sala de aula. No entanto, isso apenas não basta, o professor precisa estar disposto a novas mudanças, desafios, leituras, estudos. O professor precisa encarar o aluno como um parceiro nesse processo, vivenciando sua realidade para que assim o aluno possa questionar e entender o mundo em que vive.

Portanto, essa pesquisa, mesmo sendo uma pequena contribuição, visa abrir novos caminhos para a melhoria da qualidade do ensino da geografia. Para uma geografia mais criativa e preocupada com o cotidiano do aluno, sobretudo das séries iniciais que é quando o aluno estabelece o primeiro contato com essa linda ciência.

Acreditamos que só através de um Projeto Pedagógico serio é possível à construção de uma escola de qualidade. Vale ainda ressaltar, que não podemos generalizar, existem sim, gestores, professores e políticos que lutam para que essas mudanças se realizem. Em algumas escolas essas práticas já é uma realidade. Por isso temos esperança que a mudança é possível e só depende de nós Educadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 20.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LESSANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **GEOGRAFIA** pequena história crítica. Annabulme – São Paulo, 2003.

POSTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar a aprender Geografia**. 1ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

PONTUSCHKA, N.N. **A geografia: pesquisa e ensino**. In: CARLOS, A.F.A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 1999.p.111-142.

SILVEIRA, João Batista da. **A política de formação de professores durante o regime civil-militar: A criação de Licenciatura curta em Estudos Sociais/ João Batista da Silveira**. – Campinas: PUC – Campinas, 2008.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annanuble, 2004, p. 47-73.

VESENTINI, J. W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

VLACH, V. R. F. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica**. In: VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO I - AVALIAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EMEF  
SERAFINA RIBEIRO (PROFESSOR 4ª e 5ª)**

Professor (a): \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_

1- Qual a série que você ensina Geografia?

---

---

2- Você ensina apenas Geografia ou outras disciplinas? Quais?

---

---

3- Como você concilia o ensino da Geografia com as outras disciplinas? Têm dificuldades?

---

---

4- O que você entende e que importância possui o ensino de Geografia nas séries iniciais?

---

---

5- Quais as estratégias e metodologias você utiliza para o ensino de Geografia?

---

---

6- Os alunos mostram interesse pela Geografia? Como?

---

---

7-Como você utiliza o livro didático? Ele é compreensível? A metodologia nele presente alcança o mundo geográfico dos seus alunos?

---

---

8-Quais os materiais sua escola disponibiliza para trabalhar a disciplina de Geografia?

---

---

9-Que sugestões você dá para tornar o ensino da Geografia mais atraente?

---

---

10-Como a secretaria de educação vem investindo na formação dos professores das séries iniciais?

---

---

## APÊNDICE B



EMEFSR- Entrada Principal



Secretaria- foto 1



Secretaria- foto 2



Sala dos Professores- foto 1



Sala dos Professores- foto 2



Pátio Interno



Sala de Aula- 4ª Ano- foto 1



Sala de Aula- 4ª Ano- foto 2



Sala de Aula- 5ª Ano- foto 1



Sala de Aula- 5ª Ano- foto 2



Laboratório de Informática



Quadra de Esporte